

Brinquedos e brincadeiras de príncipes e princesas no Antigo Convento do Carmo, Rio de Janeiro

Toys and games of princes and princesses at the Antigo Convento do Carmo archaeological site, city of Rio de Janeiro

Daniela Alves*

Palavras-chave:
Crianças
Sítio arqueológico Antigo Convento do Carmo
Brincadeiras e jogos

Resumo: Nesta pesquisa buscou-se caracterizar a cultura material associada às crianças identificada no sítio arqueológico Antigo Convento do Carmo, situado na atual Praça XV de Novembro, Centro Histórico do Rio de Janeiro. O convento e outras edificações próximas foram ocupadas pela família real portuguesa entre 1808 e 1889. A partir da análise dos artefatos conjugada à investigação de documentação escrita sugeriu-se que as crianças da família real utilizaram o espaço do convento para diversas atividades, particularmente para brincadeiras e jogos. Inferiu-se que o brincar foi uma atividade constituidora das infâncias dos príncipes e princesas ao longo do século XIX.

Keywords:
Children
Antigo Convento do Carmo archaeological site
Toys and games

Abstract: In this research, an attempt was made to characterize the material culture associated with children from the archaeological site of the Antigo Convento do Carmo, located in the current XV de Novembro Square, Historic Center, in the city of Rio de Janeiro. The convent and other nearby buildings were occupied by the Portuguese royal family between 1808 and 1889. From the analysis of the artifacts combined with the investigation of written documentation, it was suggested the children of the royal family used the convent space for various activities, particularly for playing and games. In conclusion, play was a constitutive activity of the childhoods of the princes and princesses throughout the 19th century.

Recebido em 10 de junho de 2024. Aprovado em 23 de setembro de 2024.

Introdução

O Antigo Convento do Carmo situa-se na atual Praça XV de Novembro, no Centro Histórico do Rio de Janeiro. Conjuntamente com o Palácio dos Governadores, a casa de Câmara e Cadeia e a igreja formaram um complexo de edificações utilizadas pela corte portuguesa entre os anos de 1808 e 1889. Em 2019, iniciaram-se as obras de restauro no convento, concomitantemente às pesquisas arqueológicas. Nesse momento foram recuperados artefatos referentes aos distintos momentos de ocupação do local, inclusive objetos associados às crianças, atinentes ao século XIX.

Brookshaw (2009) asseverou que, mesmo sendo parte das sociedades adultas nas quais viveram, as crianças poderiam apresentar cultura material própria. Esses objetos, manufaturados, modificados e usados pelas crianças permitiria aos indivíduos desse grupo serem identificados como parte dele por meio da posse e do uso. Tais interpretações seriam subjetivas e abertas a diferentes concepções. Seria fundamental atentar-se que as crianças compartilharam o mesmo mundo dos adultos e muitas vezes a mesma cultura material e, para determinados artefatos, a associação com as crianças poderia ter se perdido como resultado das distâncias históricas e culturais. Segundo Dozier (2016), os

* Doutora em arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia/USP. E-mail: danymalves@gmail.com.

artefatos associados às crianças em contextos históricos têm sido marcados pela identificação de brinquedos, tais como bolinhas de gude, bonecas e livros, além de pertences pessoais referentes aos corpos infantis e suas presenças físicas nos espaços, como calçados, chupetas, roupas e berços. Soafer Derevenski (2000) salientou ainda a importância da observação do contexto e do ambiente no qual as crianças viveram para interpretação de suas materialidades.

A principal categoria de objetos identificados em sítios históricos são os brinquedos. Então, como os pesquisadores reconhecem os brinquedos no registro arqueológico? Crawford (2009) apontou que o principal método tem sido por similaridade, observando o que se conhece sobre os brinquedos atuais. Em segundo lugar, seriam identificados por analogia, utilizando-se fontes iconográficas, etnográficas ou registros históricos escritos.

No sítio Antigo Convento do Carmo, a maioria dos objetos considerados como pertencentes ao universo das crianças, por meio dos métodos acima mencionados, corresponde aos brinquedos. Cabe salientar, contudo, que a análise efetuada não permitiu inferir que esses brinquedos tivessem sido manufaturados pelas próprias crianças. Como argumentaram Munita e Mera (2016), nos sítios do período histórico a principal forma de identificação das crianças seria por meio do registro de artefatos elaborados para elas, mais do que pela identificação e associações de objetos criados ou reciclados pelas crianças.

Além disso, o contexto arqueológico não possibilitou o apontamento de inferências capazes de ampliar os conhecimentos sobre as atividades infantis. Assim, perante a ausência de um bom contexto arqueológico e tendo em vista que as ações infantis se concentram no brincar, nas brincadeiras e jogos praticados cotidianamente entre crianças e seus pares e entre crianças e adultos, esta investigação orienta-se para explorar as experiências do brincar a partir de um espaço e tempo específicos, combinando a análise de artefatos às fontes escritas do período oitocentista. Para tanto, analisa-se o brincar sob o conceito de atividade situada, em Evaldsson e Corsaro (1998) e aplica-se o estudo de Vigotski (2010) para classificar e interpretar

possibilidades de participação das crianças nessas atividades.

O brincar tem sido investigado desde fins do século XIX em diversos campos científicos. Segundo Bomtempo, Hussein e Zamberlan (1986), nesse tempo, acentuavam-se ainda pesquisas de cunho evolucionista sobre o papel das brincadeiras e jogos na vida dos pequenos. Julgava-se que essas atividades comportariam vestígios de antigos costumes “tribais” que foram úteis à espécie. Segundo Montgomery (2009), o brincar se tornou uma via de pesquisa, pois os especialistas reconheceram-no como essencial para o bem-estar infantil e como fator importante para o desenvolvimento. O brincar seria tão fundamental para as crianças, assim como o trabalho seria para os adultos.

As investigações etnográficas revelaram que brincar seria comum entre as crianças em diversas sociedades e, portanto, poderia ser considerado um fenômeno universal, como salientou Lancy (2007). Vigotski foi um desses estudiosos, que nas primeiras décadas do século XX, observou crianças brincando e relacionou tais atividades ao desenvolvimento e à aprendizagem.

A arqueologia também tem explorado o brincar ante a cultura material recuperada nos sítios ou proveniente de coleções, particularmente buscando contributos de outras áreas científicas. Baxter (2006), por exemplo, realizou um estudo comparativo a partir da análise da distribuição espacial de artefatos referentes às crianças identificados em cinco sítios domésticos do século XIX. Demonstrou que com a identificação de padrões de distribuição espacial dos objetos se poderia investigar como as crianças foram socializadas no passado. Ao final, classificou que a maioria dos objetos estaria dentro dos âmbitos “habitual” e “geral” das brincadeiras infantis e, portanto, em conformidade com a ideia de que grande parte das tarefas das crianças aconteceria mais perto de casa. Vlahos (2014, 2015), por sua vez, dentre inúmeros objetos analisados de coleções referentes ao século XIX, examinou os brinquedos, o brincar e a agência infantil. Propôs que as crianças alteraram, criaram e usaram os artefatos de acordo com a criatividade, inclusive se apropriaram de um cachimbo, transformando-o por meio de adornos para refletir seu mundo ao invés do mundo adulto.

Lima (2019) analisou brinquedos, dentre outros objetos, provenientes de cinco sítios oitocentistas, referentes à contextos urbanos e rurais da cidade do Rio de Janeiro. Foram coletados partes e fragmentos de bonecas de biscuit e porcelana, soldadinhos de chumbo, bolinhas de gude de vidro, miniaturas de peças de jogo de chá, peça para jogo de dominó em osso e fragmentos de louça com pinturas de motivos infantis. De acordo com a autora, os contextos referiram-se a lixeiras domésticas, áreas de aterro ou amostras de superfície. A autora também utilizou textos e imagens do período, examinando o papel da socialização na vida das crianças.

Vale ressaltar, finalmente, que a cultura material recuperada no Antigo Convento do Carmo poderia ter pertencido às crianças da família real. Embora tivessem horários estabelecidos para estudos, para participação em celebrações e demais compromissos referentes às posições que ocupavam, brincadeiras e jogos fizeram parte da vida dos príncipes e princesas, isto é, foram atividades constituidoras de suas infâncias no decorrer do século XIX.

A pesquisa arqueológica no sítio Antigo Convento do Carmo

A pesquisa arqueológica¹ desenvolveu-se nas três edificações que compõem o convento, atestando os diferentes momentos de ocupação do lugar. As atividades interventivas iniciaram-se no bloco I, o mais antigo deles, composto por três pavimentos: dois foram construídos entre 1619 e 1750 e o outro em 1750. Em todos os blocos, coletaram-se fragmentos ósseos, vítreos, metais, fragmentos de louça e cerâmica, além de materiais construtivos (DIAS, 2019).

Os blocos II e III foram erguidos no século XIX. Durante as intervenções no bloco III identificaram-se cinco sepultamentos e no bloco II três sepultamentos. Um deles foi localizado sobre o nível do lençol freático, a 1,70 metros de profundidade. Tratava-se de sepultamento primário associado a grupos originários do período pré-colonial ou de contato (DIAS, 2019). Dias (2021) investigou sobre a ocupação desses povos, assim como contatos entre as populações africanas e

européias, entre os séculos XVI e XVIII, a partir dos esqueletos e artefatos identificados no Antigo Convento do Carmo e na Antiga Sé (igreja Carmelita).

Os objetos associados às crianças foram coletados em um único local, correspondente ao corredor do terceiro andar do bloco I, alterando-se apenas as camadas estratigráficas. Segundo Dias (2019), neste andar, após a retirada do piso de assoalho, identificou-se ao longo das doze janelas, grande quantidade de material arqueológico. Um sítio soterrado nos interstícios dos barrotes. Aí foram coletados artefatos ósseos, grande quantidade de fragmentos de louça, além de leques, fragmentos de fios de perucas, pentes em osso, uma pequena ametista, tecidos em seda e veludo, fitas, linhas, pulseiras de palha, anéis de piaçava, dedais, fusos de madeira, carretéis, moedas oitocentistas, fragmentos do jornal Diário do Rio de Janeiro, com data de 11 de agosto de 1828 e uma tira de metal dobrada em V, com os dizeres gravados: “Independência ou Morte”. Nesse contexto inseriram-se os brinquedos e demais objetos referentes às crianças. Poderia ser um lugar onde elas brincavam com frequência, talvez distante dos olhares adultos; ou um local próximo a uma sala de jogos na qual crianças e adultos interagiram. Os brinquedos ainda poderiam ter ali caído por acidente ou terem sido descartados, quando não mais desejados. Diante disso, aventou-se que esses objetos poderiam ser associados às crianças da família real, por diferentes gerações no transcorrer do século XIX. Possivelmente, outras crianças escolhidas dentre as famílias abastadas do Rio de Janeiro para brincarem com as crianças reais, também tenham usufruído dos brinquedos ou talvez até mesmo possam ter sido reapropriados pelos filhos e filhas de pessoas escravizadas que ali viveram.

O Largo do Paço e um pouco do cotidiano das crianças

A vinda da família real em 1808 transformou o país, particularmente o cotidiano das pessoas no Rio de Janeiro. O Largo do Paço, como era chamado à época, assim como as edificações ali existentes foram adaptadas para acomodar os recém-chegados. Debret (1940) assinalou que dentre os integrantes da

família real estavam Dona Maria I, Dom João VI e sua esposa Dona Carlota Joaquina; as princesas Dona Maria Teresa, Dona Maria Isabel, Dona Maria Francisca, Dona Isabel Maria, Dona Maria da Assunção e Dona Ana de Jesus Maria; os príncipes Dom Pedro, Dom Miguel e Dom Pedro Carlos, da Espanha (sobrinho de Dom João VI)².

Segundo Macedo (1862) foi preciso destruir parte do convento para abrir comunicação entre o Largo do Paço (atual Praça XV de Novembro) e a rua do Cano (atual rua Sete de Setembro) para abrigar os novos moradores. O convento começava no extremo da rua Misericórdia, um pouco adiante da rua da Assembleia (antes chamada rua da Cadeia), estendia-se por toda largura do Largo até a entrada da rua Direita, onde terminava com a igreja. Pela frente da praça observava-se o pavimento inferior, dois andares que tinham janelas com balcões de ferro e rótulas de madeira, utilizados como dormitórios. Em seguida, estava a igreja de Nossa Senhora do Carmo, transformada em capela real e ao lado da torre uma capela para Nosso Senhor dos Passos. Até o hospital, que ficava contíguo à capela foi tomado pela realza, depois transformado em biblioteca.

Debret (1940) apontou que o segundo andar do convento ficou reservado ao serviço do palácio e, portanto, fora dividido em pequenos aposentos para as pessoas da corte. Dona Maria I e suas damas ocuparam alguns dos aposentos. A mãe de Dom João VI aí permaneceu até sua morte, em 20 de março de 1816. No andar térreo, estavam as despensas, cozinhas e aposentos da criadagem. Dona Carlota, ocupou os cômodos que lhe foram reservados no centro da fachada lateral do palácio, ao lado da grande praça, enquanto Dom Pedro I ocupou com seu preceptor o edifício que terminava nessa mesma fachada ao lado da capela. Depois de reformada, a chácara passou a abrigar Dom João e Dona Maria Teresa (filha mais velha). Oliveira Lima (1908) reiterou que mesmo depois de preparado o palácio da Boa Vista, Dona Carlota e as infantas menores continuaram vivendo no palácio da cidade, indo diariamente à missa das nove horas em São Cristóvão e voltando às infantas à galope para jantar às quatro horas com o pai.

Como Dom João VI e Dona Carlota Joaquina não costumavam compartilhar diariamente o mesmo espaço, as crianças acompanhavam os pais,

ao menos enquanto pequenas. As meninas estavam com mais frequência em companhia de Dona Carlota, enquanto Dom Pedro e Dom Miguel estavam em idade de estudos, conseqüentemente tinham rotinas diferentes das irmãs mais novas. Como informou Guimarães (1936), Dom Pedro tinha dez anos quando aqui chegou e Dom Miguel seis.

Os brinquedos identificados no Antigo Convento do Carmo possivelmente fizeram parte das brincadeiras de Dona Maria Isabel, Dona Maria Francisca, Dona Isabel Maria, Dona Maria da Assunção, Dona Ana de Jesus Maria, Dom Pedro e Dom Miguel. Dona Maria Teresa provavelmente não participou das brincadeiras com seus irmãos menores, assim como seu primo, Dom Pedro Carlos. Como explicou Pereira (1946), os dois já eram crescidos quando chegaram ao Brasil e logo Dona Maria Teresa³ passou a trabalhar como secretária no Largo do Paço, auxiliando o pai em diversas tarefas.

Sousa (2015) aludiu que Dom Pedro cresceu brincando, montando cavalos e encontrando prazer em cuidar deles, dar-lhes banho e aprender a ferrá-los. Inclusive, iniciou-se no esporte de conduzir carros à disparada. Também recebia muitos regalos. Dom Marcos de Noronha e Brito, oitavo conde de Arcos de Valdevez, sempre enviava presentes ao príncipe. Sabia que Dom Pedro devotava-se a marcenaria e mandava-lhe pedaços de preciosas madeiras. Presas (2013), secretário de Dona Carlota, também destacou dois pequenos canhões recebidos de presente por Dom Miguel por um dos chefes da esquadra inglesa.

Após a independência do país, o Largo do Paço seguiu como importante centro das decisões políticas e das movimentações sociais. As edificações, entretanto, passaram a servir ocasionalmente como residência do imperador e de sua família, pois como alegou Sousa (2015), Dom Pedro I e Dona Leopoldina optaram por viver no palácio em São Cristóvão após o casamento.

Os filhos de Dom Pedro I e Dona Leopoldina, Dona Maria da Glória, Dom Pedro II, Dona Januária, Dona Francisca e Dona Paula Marianna poderiam também ter partilhado várias brincadeiras com os brinquedos identificados no Antigo Convento do Carmo.

Santos (1927) declarou que entre o final de 1826 e o início de 1827, quando Dom Pedro I esteve ausente do Rio de Janeiro a princesa presidia algumas reuniões com os ministros, assumindo o cargo de regente do país. Provavelmente, Dona Leopoldina e os filhos tenham residido no palácio do centro da cidade nesse período⁴.

De acordo com Lyra (1938), o cotidiano de Dom Pedro II era visto de perto pelo preceptor, frei Pedro. Normalmente, levantava-se às sete horas da manhã. Às oito horas servia-se o almoço na presença do médico. Às nove horas, tinha suas lições, que se prolongavam até cerca de onze e meia. Às duas, também na presença do médico, era servido o jantar. Um camarista e, às vezes, Dona Mariana de Verna (dama de Dom Pedro II) acompanhavam as refeições. Após a refeição ele não devia correr, nem saltar ou dormir. Por volta das cinco horas, era permitido um passeio pelo parque do palácio, leituras ou dedicar-se às coisas compatíveis com sua idade e seu desenvolvimento intelectual. À noite, frei Pedro costumava recitar-lhe textos de história e de literatura. As lições recebidas eram sobre ciências físicas e naturais, literatura, religião, música, desenho, dança, geografia, história, matemática e equitação. Ministraram-lhe aulas também de português, francês, inglês, alemão, latim e grego. Dona Januária e Dona Francisca também recebiam as mesmas lições. Já as aulas de dança eram bastante descontraídas e os funcionários do palácio da cidade podiam assisti-las.

As meninas Isabel e Isabel Maria⁵, filhas de Dom Pedro I com Domitila de Castro Canto e Melo, porventura tenham participado das brincadeiras com seus meios-irmãos. Segundo documento do acervo histórico do Museu Imperial⁶ (apud WITTE, 2021, p.39), Dom Pedro I obrigou Dona Leopoldina a aceitar Isabel para ser educada conjuntamente com seus outros filhos. Rezzutti (2013) informou que em 1827, após a morte de Dona Leopoldina, Dom Pedro I tirou as duas filhas de Domitila e levou-as para viver no palácio do Paço.

Em 1831, com a partida de Dom Pedro I e de sua segunda esposa Dona Amélia, as vidas das crianças sofreram forte impacto. Dona Maria da Glória, a filha mais velha, partira com o pai a fim de assumir o trono português. Dom Pedro, Dona

Francisca, Dona Januária e Dona Paula Marianna aqui permaneceram aos cuidados de um tutor.

Lyra (1938) reiterou que os primeiros tempos da Regência foram conturbados. A todo momento era preciso pensar na segurança das crianças. Várias vezes foi preciso tirá-las de São Cristóvão para colocá-las em segurança em um lugar distante da capital. Enfatizou os diversos desentendimentos entre o tutor José Bonifácio de Andrada e Silva e demais deputados e senadores. Certo dia, o tutor tirou as crianças do palácio da cidade e levou-as para São Cristóvão, causando descontentamento entre todos. Depois do episódio, foi afastado da tutoria, assumindo-a Manuel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho, marquês de Itanhaém. Macedo (1862) informou que várias revoltas eclodiram nesse período e que o partido Restaurador conspirava contra o governo Regencial. Assim, entre o final de 1833 e 1834, o palácio tornou-se morada ininterrupta das crianças. Findada a turbulência, todos regressaram ao palácio de São Cristóvão.

No início de 1833, ocorreu outro forte impacto para as crianças, pois Dona Paula Marianna faleceu com apenas nove anos de idade (SILVA, CARVALLHO, MUNIZ, 1833). Em 1836, sofreram outra perda. Campos (1871) descreveu que a notícia da morte do pai foi difícil. O príncipe e as princesas saíram dos aposentos em que se achavam, rapidamente se encontraram e se abraçaram com muitas lágrimas, comovendo a todos no entorno.

Segundo Lyra (1938), dentro de casa, nos dias de chuva ou de grande calor, as crianças divertiam-se jogando cartas ou então com brincadeiras de imaginação. Dona Francisca fantasiava-se de padre, a irmã e o irmão de sacristãos. Havia ainda um teatrinho, onde declamavam em língua francesa e um jogo de cavalinhos. Guimarães (1936) alegou que Dom Pedro gostava de brincar de soldado, enquanto Dona Januária e Dona Francisca preferiam brincar de cozinhar.

No Boletim nº 144 da Assembléa Geral Legislativa de 1837, o deputado Rafael de Carvalho discorreu suas considerações sobre a educação dos infantes. Indignou-se com o modelo de ensino conduzido pelo tutor e pela falta de brinquedos e divertimentos disponibilizados, como pode ser observado no trecho abaixo:

Agora quero passar ao ponto mais interessante para o Brasil: a educação de S. M., e A. A. II. Quanto á educação domestica, e moral dos Pupillos da Nação, nada posso nem devo dizer: caiba toda a gloria, e gratidão do Brasil ao Tutor, se ella for boa; acarrete elle todas as maldições do Brasil se ella for má. Os divertimentos, que fazem parte de huma boa educação, são tão escassos para as Pessoas Imperiaes, que se não pode passar em silencio huma tão grande falta. O tanque, de que fallei, onde navegava hum bote, e o jogo dos cavallinhos, eis a que se reduzem os divertimentos de exercicio: o jogo das cartas, e o Theatrinho, são os do entendimento. Sobre este ultimo, tenho de fazer algumas observações. Este tem a capacidade necessária, e está arranjado com gosto, e simplicidade: o panno da boca merece particular attenção. Este pano representa o Brasil nos seus tres estados de Cathegoria. Em hum Porto acha-se ancorado hum navio de tres mastros muito grande, e se bem me lembro sem bandeira; na praia estão em hum canto, alguns homens trajados affonsinamente, levantando huma grande e pesada cruz, com a qual mal podem as suas forças: ao longo da mesma praia achão-se alguns indigenas trajados marcialmente, assentados sobre montes de bananas, cajus, e ananazes, de costas viradas para tão grandes novidades. A sua postura indolente, o seu ar de estúpida indifferença, e o seu arreganbo marcial, fazem huma tal desharmonia, que se diz, ou que elles não partilhão a natureza humana, ou que o pintor fez hum painel de phantasia. Hum anjo suspenso no ar tem na mão esquerda abaixada a bandeira do Reino Unido, com a qual está fazendo foscas áquella Santa Cruz; e na direita a Bandeira Imperial, conservando o braço tão levantado que a insignia serve de ventilador á Divindade. Neste Theatrinho representão as pessoas imperiaes, e abi se exercitão na declamação cômica. Mas quanto eh para lastimar, que essa declamação seja na lingua Franceza! Isto parece incrível, mas eh hum facto. Quem despresa a lingua Nacional, eh porque não tem idéias sãs de cousa alguma. O Imperador tem o seu jardimzinho, onde se distrabe algumas vezes plantando flores: se pelo que vi tenho de julgar da assiduidade, ella he muito escassa. A Princeza Imperial não tem hum jardim seu, e nem a Princeza D. Francisca; existindo naquelle Paço, hum so jardim muito pequeno, mal colocado, e muito pobre. A Administração não devera de ter sido tão negligente á este respeito; não ha hum Palacio, dos Imperiaes, que tenha jardim! Devera sim lembrar-se, que para huma Sra. não ha

divertimento mais proprio que hum jardim, animado pela sua presença, e vivificado pela sua mão. Quando Deos formou o jardim da natureza, cuja flor primosa eh a mulher, quiz com isto impor-nos a obrigação de fazer jardins, onde todas as outras flores fossem reunidas para fazer companhia, e prestar culto áquella sua flor mimosa (CARVALHO, 1925, p. 73, 74).

Por este excerto percebem-se as disputas políticas nas quais as crianças estiveram envolvidas nesse tempo. O cuidado e a educação do príncipe e das princesas eram assuntos de Estado e por isso tudo a elas relacionado poderia ser motivo para manipulações.

Silva, Moniz e Gama (1925) assinaram dois documentos em 14 de dezembro de 1833. No primeiro, a Regência Permanente julgava que José Bonifácio deveria ser afastado da tutoria de Dom Pedro e das irmãs, devido à “graves males”. No segundo, dispôs-se sobre a nomeação do marquês de Itanhaém para o cargo. Observando-se a data do texto de Carvalho, o marquês de Itanhaém também parecia não cumprir devidamente seu trabalho.

Teriam sido as declarações do deputado apenas para prejudicar politicamente o marquês de Itanhaém? Talvez sim. O próprio Dom Pedro I, mesmo distante, enviou vários brinquedos para o filho. Segundo documento do arquivo histórico do Museu Imperial⁷ (apud MAUAD, 2018, p. 145) em dado momento, Dom Pedro I enviou uma carta e um conjunto de brinquedos com três balões, uma caixa de soldados, uma espingarda, um talabarte, uma espada, uma lanterna mágica, uma pistola, uma carroça, uma corda e um trem de cozinha.

Com a ascensão de Dom Pedro II como imperador do Brasil em 1840, o Largo do Paço persistiu como cenário relevante no desencadear de acontecimentos políticos e sociais. As dependências do palácio, do convento, da casa de câmara e cadeia seguiam utilizadas para atividades administrativas e decisões políticas; porém, eventualmente eram usadas como residência por Dom Pedro. Como defendeu Guimarães (1936), o monarca preferia estar em São Cristóvão ou no palácio de verão em Petrópolis, particularmente a partir de 1850 após o surto de febre amarela.

As filhas de Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina⁸, Dona Isabel e Dona Leopoldina talvez

tenham usufruído dos brinquedos. Lyra (1938) informou que a família residia em São Cristóvão e nos dias de chuva estavam no centro da cidade. No verão, todos iam para Petrópolis.

Segundo Calmon (1941), Dona Isabel e Dona Leopoldina divertiam-se ao ar livre, especialmente ao cuidar do jardim. Também desenvolveram o gosto pelo teatro. Na mesma área externa do palácio do Paço, as meninas brincavam de representar no antigo teatro também usado por Dom Pedro II e as tias, perante os mesmos funcionários.

Como destacou Del Priore (2008), além das meninas escolhidas para brincar com as princesas, o filho da Condessa de Barral, Dominique, era grande companheiro de Isabel e Leopoldina, pois ele estava sempre com a mãe.

Com o casamento de Dona Isabel, em 1864, o palácio das Laranjeiras tornou-se sua morada. Embora tenha assumido como princesa regente em três momentos diferentes, quando Dom Pedro II esteve ausente, o conde D'Eu, seu marido, conjuntamente com os filhos não costumavam alojarem-se no Largo do Paço⁹. Dona Leopoldina casou-se no mesmo ano e passou a residir em um palácio ao lado de São Cristóvão, contudo passava longas temporadas na Europa (CALMON, 1941). Segundo Lacombe (1989), Dona Isabel dividia seu tempo entre o Rio de Janeiro e Petrópolis e nos tempos de sua regência, ela e a família acolheram-se na residência em São Cristóvão. Dirigia-se ao palácio do Paço para reuniões e para sanções de lei importantes.

Outrossim, não se encontrou na documentação escrita menção de que os filhos de Dona Isabel e Dona Leopoldina tenham frequentado as edificações do Largo do Paço, portanto, é improvável que tenham usufruído dos brinquedos dali provenientes.

O palácio do Largo do Paço serviu ainda como último reduto onde Dom Pedro II e sua família estiveram antes de regressarem a Portugal. Com a proclamação da República em 1889 ficaram ali detidos. O governo provisório instalado naquele ano havia concedido 24 horas para que todos deixassem o Brasil. Dona Isabel encontrava-se afita, pois seus filhos ainda estavam em Petrópolis, sendo

de lá trazidos pouco antes do embarque (LYRA, 1940).



Figura 1: Vista atual do Antigo Convento do Carmo (bloco I).

Fonte: Fulviusbsas. Disponível em:

<https://www.ipatrimonio.org/rio-de-janeiro-antigo-convento-do-carmo/#!/map=38329&loc=-22.903736999999992,-43.175038,17>. Acesso em: 22 jun. de 2023.

Brinquedos e brincadeiras de príncipes e princesas

Para análise do brincar utilizou-se o conceito de atividade situada, descrito por Evaldsson e Corsaro (1998) como qualquer atividade produzida em lugares reais, com crianças reais, que frequentemente teriam longas relações interacionais. Essa participação em atividades coletivas e rotineiras simbolizaria alguém como parte do grupo.

Vigotski (2010) realizou estudos de referência sobre o papel do brincar no desenvolvimento infantil. Para ele, as situações de brinquedo também se dariam a partir de normas locais, aplicáveis a determinado contexto e atividade. Outro aspecto crucial seria a distinção entre o brincar e outras formas de atividade. Na brincadeira, as crianças sempre criariam situações imaginárias, assim sendo, a imaginação seria uma propriedade definidora da brincadeira. Aliás, a capacidade de imaginar seria a característica que nos tornaria humanos e, portanto, nos diferenciaria dos demais animais. Salientou, contudo, que brincar não estaria somente associado ao prazer, estaria relacionado também ao descontentamento. Na interação com os brinquedos

e com as pessoas, desejos não atendidos e soluções não encontradas poderiam gerar frustração, especialmente para bebês e crianças pequenas. Isso porque as crianças pequenas não planejavam atividades para o futuro, estariam imersas em seu mundo, buscando compreendê-lo e ansiando pela satisfação de suas necessidades. Quando as crianças pequenas queriam algo e não tinham resposta imediata, perante essa tensão, mudariam de comportamento, envolvendo-se em situações imaginárias, desviando a atenção das situações desagradáveis, entrando em um momento de contentamento na imaginação, pois ali seus desejos seriam concretizados.

Vigotski (2010) justificou não haver limites claros entre jogos de regras e brincadeiras de imaginação, pois, em ambas atividades, existiriam regras e imaginação. Os jogos possuiriam normas estabelecidas, nas quais as crianças se engajariam, aprenderiam à medida que as praticavam e/ou observavam os jogadores experientes. Utilizou o jogo de xadrez para explicar que nele ocorreria situação imaginária, pois o cavalo, o rei, a rainha se moveriam de maneiras determinadas; porque comer e proteger peças seriam conceitos do xadrez. Embora não se fizesse a substituição direta das relações da vida real, as próprias normas aplicadas ao jogo criariam situações imaginárias; isto é, a imaginação estaria implícita no jogo. No caso das brincadeiras de imaginação, as regras seriam de caráter transitório, se alterariam à medida que aparecessem novos integrantes ou segundo a vontade destes ou segundo a vontade do líder; havendo sempre espaço para improvisação, para criação de novas normas e exclusão de outras. Nas brincadeiras com bonecas e bonecos, por exemplo, as crianças assumiriam comportamentos e atitudes sobre os conhecimentos que teriam acerca da figura materna. Portanto, jogos e brincadeiras seriam dependentes da aceitação de preceitos em situações particulares, sendo a regra básica e primordial a reciprocidade entre os participantes.

Como mencionado, os brinquedos compuseram a categoria mais representativa. Com o auxílio da documentação histórica exposta no item anterior, as atividades do brincar das crianças foram situadas de acordo com a proposição de Evaldsson e Corsaro (1998). Em seguida, essas atividades foram

classificadas em brincadeiras de imaginação e jogos de regras, tendo em vista as sugestões de Vigotski (2010).

A cultura material associada às crianças do Antigo Convento do Carmo contemplou 76 artefatos, compreendendo 71 brinquedos, dois dedais, um saquinho em algodão com restos de vegetais secos (amuleto ou breve¹⁰), um lápis fragmentado e uma peça de roupa. Todos foram identificados na área do corredor, bloco I, piso 3. Os setores variaram, bem como a camada estratigráfica, abarcando do nível superficial aos 0,70 metros.

Concernente aos brinquedos classificados nas brincadeiras de imaginação, abarcam 52 objetos. Dentre estas, as peças para montar compreendem 27 artefatos em madeira de tamanhos e formatos variados. Serviriam para montar diferentes tipos de brinquedos como carroças, trens, castelos, miniaturas de arco e flecha. Esse conjunto foi organizado em subgrupos, de acordo com o formato das peças, descritos a seguir.

Quanto ao formato circular, somam-se dezoito artefatos. Sete peças circulares fragmentadas; cinco peças circulares, inteiras; duas peças circulares inteiras, com faces planas e um furo vazado na porção central; uma peça circular, fragmentada, com faces planas e perfuração na porção central; uma peça circular, fragmentada, de espessura fina e semelhante a uma argola; uma peça circular, inteira, com as faces planas (sem perfuração); uma peça circular, inteira, com faces planas e lados arredondados, apresentando perfuração central e seis pequenos furos vazados na lateral.

Quanto ao formato cilíndrico, somam-se quatro peças. Uma peça cilíndrica comprida, com uma das pontas afunilada, semelhante a ponta de um lápis; três peças cilíndricas pequenas.

Quanto ao formato retangular, observam-se três peças. Uma peça retangular, fragmentada, com faces planas e perfuração vazada em um dos lados. No lado oposto, apresenta uma pequena haste arredondada; uma peça retangular, fragmentada, com faces planas, lados planos e uma concavidade na porção central de uma das faces; um artefato retangular de faces planas com suave movimento circular, uma das faces com uma concavidade na porção central, possivelmente para encaixe de outra peça.

Quanto ao formato losangular, observam-se duas peças. A primeira e menor exibe cor vermelha, base plana em formato quadrangular com uma pequena perfuração e sobre a base um losango. A segunda, de tamanho maior, mostra cor vermelha, uma base quadrangular com uma pequena perfuração central e sobre a base um losango também vermelho.

As peças de chá para bonecas englobam quinze artefatos em madeira, que constam organizados de acordo com a funcionalidade.

Os pratos abarcam quatro peças inteiras, uma fragmentada e uma base. O primeiro prato mostra pintura de três traços finos pretos e oito círculos preenchidos. Os círculos exibem as cores vermelho e preto. Os outros três, também inteiros, apresentam traços e círculos preenchidos, nas cores vermelho e preto, porém menos nítidos. O prato fragmentado mostra traços finos de cor preta pintados no centro da peça. A pequena base não apresenta decoração.

As tigelas abrangem quatro peças inteiras, em formato circular. Três delas exibem base plana e estreita e boca larga. Em uma delas há resquícios de pinturas de cor preta na porção interna. A quarta possui base plana e estreita e boca larga. O corpo mostra decorações incisadas em seu entorno e uma cobertura, uma espécie de tampa com pequeno puxador, exibindo aí decoração com traços finos pretos e círculos preenchidos, vermelhos.

Os potes englobam três artefatos em madeira, inteiros. O primeiro contém uma base plana,

circular e estreita, corpo mais volumoso que a base. Exibe uma faixa pintada de preto e decoração incisada circundando a peça e também alguns furos de deterioração da madeira. O segundo mostra base plana, circular e estreita, corpo levemente mais volumoso e boca mais estreita. Aí existem dois traços incisados contornando a peça. Este pote exibe a boca coberta com um pequeno puxador. Mostra alguns traços pintados em preto e vários furos de deterioração da madeira. O terceiro apresenta base plana, circular e estreita, o corpo levemente mais volumoso e boca estreita e dois traços incisados contornando a peça. Também exibe boca coberta com pequeno puxador e pinturas com traços finos de cor preta, círculos preenchidos em vermelho por toda peça e alguns furos de deterioração da madeira.

Uma tampa em madeira, inteira. Expõe um círculo menor e sobre este um maior e acima um puxador. Na porção mais larga há decoração pintada com finos traços pretos e quatro círculos preenchidos pretos.

Um suporte inteiro. Expõe base plana e circular, além da pintura de um círculo preenchido em vermelho e outro em preto. Depois, apresenta uma haste estreita e acima uma forma arredondada, levemente desgastada e por último a boca da peça, também de formato arredondado.

Na Figura 2 constam alguns desses objetos:



Figura 2: Peça circular e peça losangular para montar. Potinho de jogo de chá para bonecas.

Fonte: Daniela Alves (2022).

Os brinquedos que representam animais somam quatro artefatos. Dois peixes em metal, um deles com uma pequena argola na boca; uma galinha em metal, fragmentada; um animal aquático (camarão ou cavalo-marinho) em porcelana branca.

Os soldadinhos de chumbo somam três peças. O primeiro soldado não tem cabeça, exibe botas, uma espada presa na cintura e algum objeto nas mãos e resquícios de cor vermelha. Apresenta ainda uma base para que o brinquedo permaneça em pé. A segunda peça está bastante deteriorada. O soldado não tem cabeça e o cavalo não tem cabeça e as patas dianteiras. Mostra resquícios de cor vermelha. Uma haste fina e outra peça estão separadas do soldadinho. O terceiro também está bastante deteriorado. O soldado mostra capacete ou chapéu, o cavalo não tem uma das patas dianteiras. Também exibe resquícios de cor vermelha.

As roupas para bonecas englobam duas peças. Uma delas compreende uma blusa para boneca, em algodão, fragmentada. Apresenta bainha, mangas e gola com costura preservada. Conjuntamente, há uma faixa em algodão que serviria como laço para a blusa, com pequenos desenhos de cor roxa por toda a peça. A outra vestimenta, em seda, encontra-se também fragmentada. Poderia ser um vestido ou uma blusa. O tecido exibe detalhes de cor bege, costura trançada na porção da gola até as mangas, dentre outros detalhes de costura por todo o corpo da peça (utilizados para franzir o tecido). Não possui mangas e não é possível notar o acabamento final da peça. Na Figura 3 encontra-se um exemplar.



Figura 3: Blusa em algodão para boneca.

Fonte: Daniela Alves (2022).

Um apito em marfim, fragmentado, também está incluso na categoria dos brinquedos. Possui formato cilíndrico e três aberturas para produção de som.

Tendo em vista os estudos de Vigotski (2010), as peças para montar remetem às situações imaginárias. As brincadeiras poderiam transitar entre os castelos portugueses, entre as carroças observadas pelas crianças nos caminhos pelos quais passavam ou nas fazendas das quais dispunham. Igualmente, as miniaturas de canhões, os soldadinhos de chumbo, o apito, bem como os brinquedos que representam animais mostram semelhanças às brincadeiras de imaginação. A partir desses brinquedos, as crianças poderiam imitar os animais ou imaginarem-se comandando uma tropa de soldados, organizando todos com um forte sopro de apito.

As peças de chá para bonecas também remetem às brincadeiras de imaginação. Ao brincar com as miniaturas de madeira que imitam utensílios domésticos, as crianças poderiam representar os comportamentos, de mãe, filhas, rainha, de pai, filhos ou rei. Poderiam arranjar os utensílios de madeira sobre uma mesa para participarem de um banquete em uma festividade religiosa, em um evento de coroação ou celebração do nascimento de uma filha ou filho.

As crianças também gostavam de encenar peças teatrais e de representar personagens religiosos. Dona Francisca costumava se vestir de padre, Dona Januária de sacristã e Dom Pedro II de sacristão, conforme afirmou Lyra (1938). Tais atividades corresponderiam às situações imaginárias, de experiências reais das crianças que deviam ir à missa todos os domingos e participarem de outras celebrações na antiga igreja dos Carmelitas, além disso assistiam peças teatrais, estudavam a língua francesa, portanto, essas brincadeiras representariam experiências concretas das crianças.

Concernente aos jogos de regras, englobam dezenove objetos. Quatro deles para jogo de damas em madeira, inteiras; dois dados em marfim; duas peças circulares em louça, com faces planas e decoração pintada em azul em uma das faces; duas peças circulares em cerâmica, com faces planas e decoração pintada em vermelho em uma das faces; uma peça cônica em madeira, com base plana; um

pino em madeira; uma peça circular em madeira, fragmentada.

Os piões compreendem três artefatos. O primeiro está inteiro, possui a porção afunilada fragmentada e um traço inciso circundando a peça. O segundo encontra-se partido ao meio, com uma rachadura em sua porção afunilada. O terceiro está inteiro, contém decoração incisa no centro, dois traços circundando o pião e alguns leves pontos de deterioração da madeira.

As bolinhas abarcam três artefatos. Uma bolinha em cerâmica com um furo não vazado na porção central; uma bolinha em madeira, lisa, com uma faixa pintada em preto no centro; uma bolinha em cerâmica inteira.

As peças para jogo de damas, os dados, os pinos de madeira, as peças circulares de cerâmica e de louça são objetos alusivos aos jogos de regras. O jogo de xadrez também fez parte da diversão de Dom Pedro I, inclusive foi um brinquedo que atravessou gerações, como salientou Guedes (2002) e, certamente, possibilitou relações intergeracionais. A autora afirmou existirem dois brinquedos pertencentes a Dom Pedro I no acervo do Museu Histórico Nacional¹¹, um tabuleiro de xadrez, datado do final do século XVIII e início do XIX e um brinquedo de corda; um junco representando um palácio flutuante do século XVIII, ambos feitos em marfim e de origem chinesa. O tabuleiro possuía as iniciais PI e seguramente Dom Pedro I o ganhou e seguiu usando-o quando adulto. Teria sido de Dona Maria I, depois de Dom João VI, que finalmente o deu para Dom Pedro I. Quanto ao outro brinquedo, seria um presente, talvez do conde de Arcos.

Se, para as crianças, não importaria o grau de similaridade entre os objetos com os quais se brinca e os objetos denotados, como salientou Vigotski (2010), as crianças poderiam ter utilizado os pinos de madeira para os jogos de tabuleiro e também para representar cavaleiros em uma batalha ou em outras brincadeiras. Ademais, a peça para jogo de damas poderia ter substituído uma roda de carroça ou de um trem, pois apresentou uma perfuração vazada, diferentemente das demais, que apresentaram pequeninos furos centrais não vazados. Um desses artefatos pode ser visto na Figura 4, a seguir.



Figura 4: Peça para jogo de damas com perfuração vazada.

Fonte: Daniela Alves (2022).

Quanto ao pião, haveria similaridades aos jogos, pois seria necessário conhecer o mecanismo de funcionamento do brinquedo, assim como para as bolinhas (madeira e cerâmica), que poderiam ter sido usadas no jogo do gude. Segundo Câmara Cascudo (1998), o pião deveria ser puxado com força e destreza pelo cordão existente em uma das extremidades para rodar velozmente. Contudo, existiriam várias convenções entre as crianças para o desenrolar do jogo.

Vigotski (2010) explicou ainda que o engajamento nos jogos de regras seria uma continuação das brincadeiras de imaginação e que as crianças mais velhas estariam mais propensas a aderirem a esses tipos de jogos, assim como seriam capazes de criar situações imaginárias mais complexas. Sob esse aspecto, a participação nos jogos com regras implicaria em uma mudança, as crianças dariam um novo passo. Além de participarem nas brincadeiras de imaginação, teriam se apropriado das condições cognitivas necessárias para participarem dos jogos. O processo da imaginação e o reconhecimento da existência de regras desenvolveriam nas crianças o controle do pensamento abstrato.

Além dos brinquedos, outros cinco objetos foram associados às crianças. Dois pequenos dedais em metal com entalhes e aberturas para inserção dos dedos; um lápis de secção circular, fragmentado ao meio; uma vestimenta em linho, com presença de elástico na porção das pernas. Talvez servisse para uso sobre a fralda do bebê ou da criança; um

saquinho em algodão com detalhes de folhas e flores vermelhas. Apresenta costura dos três lados e um lado aberto, por onde se observam restos vegetais ainda preservados. Possivelmente, serviria como amuleto para proteção do bebê ou criança e dentro poderiam ser guardados os dentes e/ou sementes e vegetais, como consta na Figura 5.



Figura 5: Saquinho em algodão com restos vegetais (amuleto ou breve).

Fonte: Daniela Alves (2022).

Considerações finais

O Largo do Paço sofreu uma série de alterações com a vinda da corte portuguesa no ano de 1808. A cronologia verificada na documentação escrita em relação ao uso do espaço do Antigo Convento do Carmo e das demais edificações mostrou-se complexa. Após a chegada da família real, as atividades de gerenciamento do Estado misturaram-se aos cotidianos de funcionários de alto e baixo escalão, das pessoas escravizadas e das crianças. Não foi possível determinar a quais grupos familiares pertenceram os brinquedos e demais objetos no decorrer do século XIX.

Ao tomar, como exemplo, as experiências de Dom Pedro II, Dona Francisca e Dona Januária, as crianças deviam entremear atividades intelectuais e esportivas, participação em eventos públicos e festividades religiosas às brincadeiras e jogos. Precisaram lidar com momentos difíceis, como a partida de parte da família para Portugal, a morte da irmã e, posteriormente, a morte do pai. Os irmãos poderiam ter fortalecido seus vínculos perante tais situações e diante das brincadeiras e jogos que compartilharam juntos; por ventura compartilharam brincadeiras e jogos com as damas, aias eaios por eles responsáveis e com outras crianças com as quais conviviavam.

Por meio das brincadeiras e jogos, as crianças usaram uma gama de habilidades comunicativas ao interagiram com os pares e com os adultos e utilizaram os brinquedos criados para elas com criatividade. A peça para jogo de damas com furo vazado, além de ser usada nos jogos poderia ter servido como roda de um veículo, ou em outras brincadeiras.

Notas

1 Pesquisas históricas e arquitetônicas sobre o Antigo Convento do Carmo iniciaram-se na década de 1950 e culminaram com um parecer pelo não tombamento. Novas investigações conduziram ao parecer de tombamento exarado em 31 de julho de 1964, sob o número de processo 689-T-1962. O nome atribuído consta Casa à Praça Quinze de Novembro, nº 101 (Antigo Convento do Carmo). Novas pesquisas tiveram início na década de 1980, englobando as investigações anteriormente efetuadas de maneira isolada, considerando a área do entorno. Assim, buscou-se delimitar um perímetro de proteção, sendo a Área Central da Praça XV de Novembro e imediações registrada no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, no Livro Histórico e no Livro das Belas Artes. A região também é protegida na esfera municipal pela Subsecretaria de Patrimônio Cultural, Intervenção Urbana, Arquitetura e Design (SubPC), ligada à Secretaria Municipal de Cultura (MENDES, 2012). Em 2019 inicializaram-se as pesquisas arqueológicas e o local foi registrado como sítio no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA). O material coletado encontra-se salvaguardado no Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB-Belford Roxo/RJ). No início da década de 1980 também foram realizadas

intervenções arqueológicas conjugadas às obras de restauro no palácio do Paço. Pinheiro da Silva, Morley e Ferreira da Silva (1984) declararam que a maior parte dos artefatos e estruturas identificados estavam relacionados à ocupação como Casa da Moeda. Entretanto, outra área foi identificada como Armazéns Gerais, na qual observaram-se fragmentos de louça, cerâmica, talheres em prata, moedas de cobre e cachimbos. Constatou-se uma passagem subterrânea para pessoas, construída ainda no século XVIII que interligava a Casa de Câmara e Cadeia, a Relação e o palácio do Paço. Com as pesquisas e obras de restauro finalizadas, o prédio foi reaberto ao público como Centro Cultural da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, em maio de 2022. De acordo com o site da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro (2023), atualmente, o convento abriga diversas atividades, como exposições artísticas temporárias, exposição permanente sobre a história do convento, com exibição dos artefatos arqueológicos ali coletados.

2 Francisco Antonio, outro filho de Dona Carlota e Dom João havia morrido quando a família veio para o Brasil, segundo Pereira (1946).

3 De acordo com Pereira (1946) em 13 de maio de 1810 celebrou-se o casamento de Dona Maria Teresa e seu primo espanhol Dom Pedro Carlos. Dessa união nasceu Dom Sebastião. Em 1812, Dom Pedro Carlos faleceu, em seguida Dona Maria Teresa seguiu com seu filho para Espanha, a fim de reivindicar o trono em favor do filho.

4 Como descreveu Santos (1927), Dom Pedro I partiu para o sul, rumo a guerra da Cisplatina em 23 de novembro de 1826. Dona Leopoldina estava enferma, contudo presidia reuniões com os ministros. Quando morreu, em 15 de janeiro de 1827 encontrava-se no palácio no Largo do Paço. As crianças eram ainda pequenas.

5 Isabel, a primeira filha de Dom Pedro I e Domitila nasceu em maio de 1824. Em abril de 1825, Domitila foi nomeada dama camarista da imperatriz e passou a frequentar o palácio do Paço. Em dezembro de 1825 nasceu Pedro, o segundo filho de Domitila com o imperador, que morreu com poucos meses de vida. Em agosto de 1827 nasceu Maria Isabel, a terceira filha do casal e dias depois Dom Pedro I tirou as meninas de Domitila, levando-as para viver no Paço. Em agosto de 1829, Domitila partiu para São Paulo. Em 1830 nasceu Maria Isabel, a quarta filha do casal (REZZUTTI, 2013).

6 Arquivo Histórico: I-POB-1826-IM.do – Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

7 Cartas Correspondência entre Dom Pedro I e Dom Pedro II, Arquivo Histórico do Museu Imperial I POB 22.2.831 PI.B.C1-8.

8 O casal teve outros dois filhos, Dom Afonso e Dom Pedro, que morreram ainda crianças (CAMPOS, 1871).

9 Dona Isabel e o Conde D’Eu tiveram três filhos: Pedro, Luís e Antônio, sendo o terceiro (Antônio) nascido na Europa (LACOMBE, 1989).

10 Segundo Câmara Cascudo (1998), o breve seria um saquinho de pano ou couro, contendo uma oração qualquer, pendente no pescoço por uma fita. Seria usado contra perigos e dificuldades de todos os tipos.

11 Esses brinquedos foram transferidos do então Museu Nacional da Quinta da Boa Vista para o Museu Histórico Nacional em 1922, ano de fundação deste último, conforme assinalou Guedes (2002).

Agradecimentos

Agradeço à Jandira Dias e Ondemar Dias, coordenadores do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB, Belford Roxo/RJ) e à toda atenciosa equipe que lá trabalha.

Referências

BAXTER, Jane Eva. The archaeology of childhood in context. **American Anthropological Association**, v. 15, p. 1-9, 2006.

BOMTEMPO, Edda; HUSSEIN, Carmen Lucia; ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan. **Psicologia do brinquedo. Aspectos teóricos e metodológicos**. São Paulo: Edusp, Nova Stella, 1986.

BROOKSHAW, Sharon. The material culture of children and childhood. Understanding childhood objects in the museum context. **Journal of material culture**, v. 14, n. 3, p. 365-383, 2009.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S. A., 1998.

CAMPOS, Joaquim Pinto de. **O senhor D. Pedro II, imperador do Brasil**. Porto: Typographia Pereira da Silva, 1871.

CARVALHO, Rafael de. Boletim n. 144 da Assembléa Geral Legislativa em 1837. *In*: Publicações do Arquivo Nacional. **Infância e adolescência de D. Pedro II. Documentos interessantes publicados para comemorar o primeiro centenário do nascimento do grande brasileiro ocorrido em 2 de dezembro de 1825**. Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do Arquivo Nacional, 1925, p. 73-78.

CALMON, Pedro. **A princesa Isabel, “a redentora”**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

CRAWFORD, Sally. The Archaeology of Play Things. Theorising a Toy Stage in the Biography of Objects. **Childhood in the Past. An International Journal**, v. 2, p. 56–71, 2009.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Terceiro volume. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

DEL PRIORE, Mary. **Condessa de Barral. A paixão do imperador**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2008.

DIAS, Josefa Jandira Neto Ferreira. Anexo I - **Relatório semestral das prospecções. Projeto de prospecção arqueológica e monitoramento das obras de restauração do Antigo Convento do Carmo, Rio de Janeiro, RJ**. Rio de Janeiro: Instituto de Arqueologia Brasileira, 2019.

DIAS, Josefa Jandira Neto Ferreira. **A Praça XV nos séculos XVI e XVII – Estudos Comparados de arqueologia e história**. 2021. 509f. Tese

(Doutorado em História). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

DOZIER, Crystal A. Finding children without toys: The archaeology of children at Shabbona Grove, Illinois. **Childhood in the Past: An International Journal**, v. 9, n. 1, p. 58-74, 2016.

EVALDSSON, Ann-Carita; CORSARO, William A. Play and games in the peer cultures of preschool and preadolescent children. An interpretative approach. **Childhood**, p. 377-402, 1998.

GUEDES, Angela Cardoso. Brinquedos: a formação da coleção do Museu Histórico Nacional. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 34, p. 343-370, 2002.

GUIMARÃES, Alberto Carlos D’Araújo. **A corte no Brasil. Figuras e aspectos**. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1936.

LACOMBE, Lourenço Luiz. **Isabel, a princesa redentora**. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, Editora Gráfica Serrana Ltda, 1989.

LANCY, David. Accounting for variability in mother-child play. **American Anthropologist**, v. 109, p. 273-284, 2007.

LIMA, Tânia Andrade. Brinquedos subliminares: doutrinação de crianças e introjeção de papéis sociais no Rio de Janeiro oitocentista. *In*: LIMA, Tânia Andrade (Org.). **A (in) visibilidade de crianças no registro arqueológico**. Séries Livros Digital 16. Rio de Janeiro: Museu Nacional, p. 67-91, 2019.

LYRA, Heitor. **História de Dom Pedro II - 1825-1891. Ascensão 1825-1879**. Primeiro

volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

LYRA, Heitor. **História de Dom Pedro II - 1825-1891. Declínio 1880-1891.** Terceiro volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. Tomo I e II.** Rio de Janeiro: Livreiro editor do Instituto Histórico do Brasil, 1862.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o império. In: DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 137-176.

MENDES, Adriana Gonçalves dos Santos. **Área central da Praça XV de Novembro: o papel do Estado na preservação de um sítio histórico urbano (1938-1990).** 2012. 200f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 2012.

MONTGOMERY, Heather. **An introduction to childhood: anthropological perspectives on children's lives.** West Sussex: Willey Blackwell, 2009.

MUNITA, Doina; MERA, C. Rodrigo. Por aquellos olvidados...Niños y niñas en la arqueología histórica industrial de Valdivia. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, n. 31, p. 131-144, 2016.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. **Dom João VI no Brazil 1808-1821.** Primeiro Volume. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1908.

PEREIRA, Ângelo. **Os filhos de el-rei D. João VI. Reconstituição histórica com documentos inéditos que, na sua maioria, pertenceram ao real gabinete.** Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1946.

PINHEIRO DA SILVA, Regina; MORLEY, Edna; FERREIRA DA SILVA, Catarina. A pesquisa arqueológica: primeiras notas. **Revista do Iphan**, n. 20, p. 158-165, 1984.

PRESAS, José. Da índole e caráter que manifestou com a idade de oito anos o sereníssimo infante D. Miguel, atual rei de Portugal. Tradução de Magalhães Júnior. In: PRESAS, José. **Memórias secretas de Carlota Joaquina.** Brasília: Edições do Senado Federal, v. 130, 2013, p. 90-92.

PROCURADORIA GERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Centro Cultural PGE-RJ. **Novo espaço de cultura.** Disponível em: <https://pge.rj.gov.br/centro-cultural/>. Acesso em 28 mar. 2023.

REZZUTTI, Paulo Marcelo. **Domitila, a verdadeira história da Marquesa de Santos.** São Paulo: Geração Editorial, 2013.

SANTOS, Amilcar Salgado. **A imperatriz D. Leopoldina (mãe do imperador D. Pedro II).** São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1927.

SILVA, Francisco de Lima e; CARVALLHO, José da Costa; MUNIZ, João Braulio. Falla com que a regência do império em nome de S. M. o imperador o senhor D. Pedro Segundo encerrou a seção extraordinária e abriu a seção ordinária da assembléa geral legislativa, no dia 3 de maio de 1833. **Diário do Rio de Janeiro**, n. 4, 1833.

SILVA, Francisco de Lima; MONIZ, João Braulio; GAMA, Antonio Pinto Chichorro da. Decreto nomeando o marquez de Itanhaem para tutor de S. M. I. em 14 de dezembro de 1833. *In*: Publicações do Archivo Nacional. **Infância e adolescência de D. Pedro II. Documentos interessantes publicados para comemorar o primeiro centenário do nascimento do grande brasileiro ocorrido em 2 de dezembro de 1825.** Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas do Archivo Nacional, 1925, p. 41-42.

WITTE, Claudia Thomé. Amélia, uma imperatriz desconhecida. **Anuário do Museu Imperial**, v. 2, p. 37-62, 2021.

SOAFER DEREVENSKI, Joanna. Material Culture Shock. Confronting expectations in the material culture of children. *In*: SOAFER DEREVENSKI, Joanna. (Ed). **Children and Material Culture.** London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2000, p. 3-16.

SOUSA, Otávio Tarquínio de. A vida de Dom Pedro I. V. I. Brasília: Edições do Senado Federal, v. 209a, 2015.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VLAHOS, Margaretha Marie-Louise. **Developing an archaeology of childhood. Experiences in Australia 1788-1901.** Queensland: School of Social Science, University of Queensland, 2014.

VLAHOS, Margaretha Marie-Louise. Exploring the experiences of nineteenth-century colonial children in Australia with the application of interpretive reproduction theory-An alternative approach in the study of childhood in the past. **Childhood in the Past. An International Journal**, v. 8, n. 1, p. 48-63, 2015.